

## O QUE PENSAM OS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II SOBRE AS ESCALAS GEOGRÁFICAS? UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

José Vitor Rossi Souza <sup>1</sup>

### RESUMO

As pesquisas sobre ensino de Geografia que se utilizam dos aportes da Teoria das Representações Sociais têm mostrado contribuições desse referencial para a área. Considerando essa relevância, a presente investigação objetivou compreender as representações de estudantes do Ensino Fundamental II acerca das escalas geográficas. A pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, sendo utilizado o mapa mental e a entrevista semiestruturada como instrumentos para a coleta de dados. Ao todo, participaram 101 estudantes de uma escola agrícola localizada em um município da mesorregião de Piracicaba. A partir das palavras, expressões e imagens que os alunos atribuíram e associaram às escalas geográficas, os dados foram interpretados com base nos elementos da Teoria das Representações Sociais, como os processos de objetivação e ancoragem e as esferas de pertença (subjéctiva, intersubjéctiva e transubjéctiva). Os resultados indicam contribuições dessa teoria para compreender as representações que permeiam o ensinar e aprender Geografia, as contradições que existem nas representações, as mudanças na compreensão dos alunos ao longo do Ensino Fundamental II no que se refere ao objeto representacional estudado e o a influência da noção escalar no modo como os sujeitos compreendem o mundo onde vivem.

**Palavras-chave:** Ensino de geografia, Psicologia Social, Pesquisa qualitativa, Entrevista semiestruturada, Mapas mentais.

### ABSTRACT

Research on Geography teaching that uses contributions from the Theory of Social Representations has shown contributions from this framework to the area. Considering this relevance, the present investigation aimed to understand the representations of Elementary School II students regarding geographic scales. The research was developed using a qualitative approach, using the mind map and semi-structured interviews as instruments for data collection. In total, 101 students from an agricultural school located in a municipality in the Piracicaba mesoregion participated. From the words, expressions and images that the students attributed and associated to geographic scales, the data were interpreted based on the elements of the Theory of Social Representations, such as the processes of objectification and anchoring and the spheres of belonging (subjective, intersubjective and transsubjective). The results indicate

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp, campus Rio Claro) e mestre em Educação pela mesma instituição. Professor de Ensino Fundamental e Médio da rede privada de ensino. E-mail: [jose.rossi@unesp.br](mailto:jose.rossi@unesp.br)

contributions of this theory to understanding the representations that permeate the teaching and learning of Geography, the contradictions that exist in the representations, the changes in students' understanding throughout Elementary School II with regard to the representational object studied and the influence of the scalar notion in the way subjects understand the world in which they live.

**Keywords:** Geography teaching; Social Psychology; Qualitative research; Semi-structured interview; Mental maps.

## INTRODUÇÃO

As representações sociais são formas de pensamento, que são construídas e reconstruídas pelos sujeitos na sua relação com os outros e com o mundo. Tais representações são parte da construção social sobre a realidade e influenciam no modo como os indivíduos pensam e na maneira como reagem aos mais variados contextos. No sentido aqui adotado, a representação não significa uma cópia fiel da realidade onde se insere, não sendo apenas uma forma de pensamento social, nem apenas uma forma de conhecimento. É sim uma forma de conhecimento socialmente elaborada, que está na interface entre o psicológico e o social, o que evidencia sua dupla natureza assim como demonstra a complexidade de seu estudo (Sá, 1993; Jodelet, 2001; Moscovici, 2015).

No caso da presente investigação, utiliza-se o termo com base na Teoria das Representações Sociais, a qual fundamenta a construção da pesquisa e a análise dos resultados. Essa teoria tem um papel unificador e interdisciplinar, já que é amplamente empregada em diferentes áreas - como Administração, Enfermagem, Psicologia, Educação e Geografia – e busca abordar o que pensam os sujeitos sobre determinado objeto representacional a partir de uma perspectiva que contempla tanto dimensões sociais quanto psicológicas. Nessa investigação, o foco foi entender como os estudantes, sendo sujeitos que constroem, difundem, se apropriam e interpretam o mundo a partir de representações, compreendem as escalas geográficas, noção essencial no processo de ensinar e aprender Geografia na escola.

Como a escala é um artifício que dá visibilidade ao real e a representação é uma forma de conhecimento sobre a realidade, admite-se então que as representações sobre as escalas são um caminho para o entendimento de como os sujeitos representam o mundo em que vivem, tendo como referência “recortes” espaciais (local, regional, nacional e global). E partindo do pressuposto que as representações sociais têm como principais funções dar sentido à realidade social, orientar as práticas dos sujeitos, identificar grupos (definindo seus contornos) e justificar determinados comportamentos, desse modo a compreensão sobre as representações que se tem

sobre as escalas geográficas é fundamental para apreender como elas trazem impactos ligados a cada uma das funções mencionadas (Santos, 2005; Moscovici, 2015).

Diante do exposto, a pesquisa<sup>2</sup> teve como objetivo central compreender as representações das escalas geográficas por estudantes do Ensino Fundamental II. Como expresso nesse objetivo, há na investigação uma tentativa de união de aportes teórico-metodológicos do campo da Teoria das Representações Sociais com problemáticas que envolvem a Geografia (em geral) e o ensino dessa disciplina (em específico).

## **METODOLOGIA**

Para a construção metodológica da pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa em Educação (Bogdan; Biklen, 2013; Yin, 2016) como forma de responder às questões orientadoras da investigação e à natureza dos dados coletados a partir de alguns propósitos, como compreender e interpretar o que pensam os sujeitos sobre determinada questão (Minayo, 2012). Isso mostra que a escolha da abordagem não foi feita *a priori*, mas foi escolhida a fim de incluir os problemas iniciais da pesquisa e permitir coletar e interpretar dados de natureza qualitativa que derivaram dos instrumentos adotados.

Como o objetivo da pesquisa era compreender as representações dos estudantes do Ensino Fundamental II sobre as escalas geográficas, para identificar e comparar tais representações, a investigação foi desenvolvida com alunos de 6º ao 9º ano, totalizando 7 turmas e 101 alunos participantes. O contexto socioespacial foi uma escola localizada na zona rural de um município do interior do estado de São Paulo, na mesorregião de Piracicaba, a qual, historicamente, tem uma relação com a Universidade devido às parcerias em projetos de formação de professores, pesquisa e extensão. Destaca-se que houve aprovação do projeto e dos instrumentos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e apenas participaram aqueles que autorizaram a coleta de dados.

Assim como a escolha da abordagem, a escolha dessa instituição escolar como campo da pesquisa também não foi aleatória. Em outras atividades na escola, como visitas técnicas e estágio supervisionado, foram identificadas algumas questões relativas à compreensão das escalas geográficas pelos alunos. Isso foi reconhecido, por exemplo, a partir das dificuldades de compreensão dos recortes espaciais e dos “encaixes” entre as escalas, do sentimento de pertencimento às escalas e das relações que estabeleciam entre as escalas de vivência e as

---

<sup>2</sup> O artigo é derivado de uma dissertação de mestrado intitulada “Representações sociais das escalas geográficas por estudantes do Ensino Fundamental II” (Souza, 2023). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

escalas mais amplas. Portanto, as questões orientadoras, os objetivos e conseqüentemente a abordagem da pesquisa foram resultado dessa construção inicial de um problema de pesquisa.

A partir disso, o objeto de pesquisa foi construído, o que demanda o domínio das especificidades da teoria que orienta a concepção, a análise da problemática e a clareza sobre o fenômeno que será estudado. Através da teoria e da metodologia, o objetivo de estudo vai sendo construído e não é todo fenômeno que deve ser estudado sob a perspectiva das representações sociais, mas apenas aqueles que possuem significância e relação com o grupo de participantes da pesquisa (Sá, 1998). E apesar dos participantes da presente pesquisa não possuírem uma relação direta com o repertório científico sobre as escalas geográficas, mobilizam essa noção no seu cotidiano e, por conseguinte, possuem uma relação tal objeto, o que justifica seu estudo entre tais sujeitos.

Subordinados aos objetivos, ao objeto representacional (a escala geográfica) e à abordagem, foram adotados dois instrumentos para a coleta de dados: a entrevista semiestruturada, realizada individualmente, e o mapa mental, elaborado individualmente pelos alunos na sala de aula. Como as representações sobre o mundo são construídas na dialética entre imagem e fala (Moreira, 2021) e como as representações são formadas por duas faces indissociáveis, sendo uma icônica e outra simbólica (Moscovici, 2015), portando o uso de instrumentos que captassem palavras, expressões e imagens permitiriam, através da coesão conferida pelo referencial teórico, sistematizar as representações sobre as escalas segundo o grupo estudado. E antes de iniciar esses dois procedimentos de coleta de dados, ambos os instrumentos já haviam sido testados, em um estudo piloto, com outros estudantes da mesma faixa etária, o que foi importante, como demonstra a literatura sobre metodologia de pesquisa, para a verificação de métodos, a validação do conteúdo e a adequação da linguagem (Yin, 2016).

A entrevista foi composta por duas partes. A primeira por um questionário socioeconômico, a fim de coletar informações sobre variáveis que poderiam impactar na construção de representações sobre as escalas, como acesso a materiais audiovisuais, uso de aplicativos de localização/orientação, deslocamentos e vivências espaciais. A expectativa inicial era que os estudantes que possuem mais vivências espaciais e que acessam um repertório mais amplo de materiais que contribuem para a elaboração de representações sobre o mundo representaria o objeto em questão de modo qualitativamente distinto dos demais estudantes. Ao mesmo tempo, como premissa da pesquisa, defendia-se que as representações sobre as escalas



não derivam apenas das experiências diretas no espaço vivido, mas são construídas a partir de um conjunto de representações que pertencem a outras esferas.

Já a segunda parte teve como foco identificar as representações sobre o conceito de escala geográfica, as diferenças entre a perspectiva geográfica e cartográfica, as palavras/imagens expressões associadas às escalas, as dificuldades quanto à compreensão dessa noção e a forma como o trabalho com as escalas é desenvolvido nas aulas de Geografia. Quanto ao mapa mental os alunos deveriam representar, em quatro campos diferentes, as escalas local, regional, nacional e global.

A organização e interpretação do material coletado foi feita a partir do referencial da análise de conteúdo (Bardin, 2011; Bauer, 2015; Franco, 2018), visando ultrapassar a descrição dos dados e compreender seus sentidos. Com base nessa metodologia de análise é possível entender a semântica do texto e, nela fundamentada, explicar as origens e processos formadores das representações sobre as escalas por intermédio da Teoria das Representações Sociais, com base nos conceitos de objetivação, ancoragem e esferas de pertença das representações sociais. Nesse caso, as etapas gerais da análise de conteúdo, como a pré-análise, a codificação do material (com sua sistematização em categorias) e a interpretação dos resultados foi combinada com uma discussão que reuniu conhecimentos da Geografia, da Psicologia e da Educação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados aqui apresentados e discutidos são um panorama geral da pesquisa de mestrado (Souza, 2023), contemplando apenas alguns aspectos ligados às considerações sobre as escalas geográficas no ensino de Geografia a partir da revisão de literatura, às semelhanças e diferenças entre as representações dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e às principais ideias associadas ao conceito e às tipologias de escala pelos estudantes.

Ao longo de toda investigação defende-se a relevância do conceito/noção/categoria escala para ensinar e aprender Geografia, entendendo que a escala faz parte da “língua geográfica”, mas também faz parte do senso comum, apesar das compreensões distintas que residem sobre essa palavra polissêmica. Sendo assim, os processos educacionais em geral e, mais especificamente o ensino de Geografia na escola, deve contribuir para a elaboração e reelaboração de representações sobre as escalas de modo que elas possam colaborar para a compreensão e interpretação do mundo em sua complexidade.

A geografia tem um papel, na escola e na formação dos sujeitos, de ajudar a pensar, já que ela auxilia o desenvolvimento de um modo peculiar de pensamento (Cavalcanti, 2019). E,



considerando que há uma relação íntima entre pensar, ser e atuar, a Geografia pode contribuir na formação de uma unidade entre essas dimensões através da noção escalar e, assim, afetar as relações que as pessoas estabelecem com a realidade. Ou seja, as representações têm um papel ativo de situar, orientar e dar sentido às práticas sociais dos sujeitos na sua relação com os outros e com o mundo (Souza; Osti, 2023).

Há uma impossibilidade de ensinar e aprender geografia sem que esse processo esteja conectado a uma dimensão de escala. E isso se deve a variados motivos. Algumas explicações para a realidade local apresentam determinações exógenas ao local; o entendimento sobre alguns fenômenos não é possível se não há uma articulação entre os diferentes recortes espaciais, além de que a escala auxilia para explicitar a espacialidade de um fato ou fenômeno através de uma perspectiva geográfica, cooperando na definição e localização de um evento (Cavalcanti, 2019). E como deve haver correspondência entre a escala do fenômeno e a escala de análise, a escolha da escala adequada é o que dará visibilidade ao fenômeno. Este, por sua vez, em sua localização, interage com os componentes espaciais dessa localidade e produz uma certa espacialidade (Roque Ascensão; Valadão, 2014).

Objetivando discutir essas premissas e a formação de representações sobre as escalas, os primeiros resultados da pesquisa, baseados na revisão bibliográfica, apontaram para a influência dos sistemas de informação na constituição de representações sobre as escalas; as contribuições da noção escalar para a elaboração de uma visão integrada sobre a realidade; e a coexistência de ideias sobre lugares próximos e distantes nas representações sobre as escalas. Esse último aspecto é relevante para problematizar a origem das representações e suas esferas de pertença. Mostrando que as ideias sobre esse objeto representacional não derivam apenas da realidade local, mas mantém conexões com outros polos que pertencem a outras escalas e outras esferas de pertença, como a transubjetiva, é preciso reconhecer que as fontes de informações sobre as escalas são provenientes também dos livros didáticos, dos currículos, da televisão e das redes sociais, por exemplo.

Na abordagem dos conteúdos de Geografia a escala aparece de forma subjacente e vai muito além do sentido de uma relação entre uma medida no mapa e uma medida real, não esgotando o seu significado como sinônimo de projeção gráfica (Castro, 2006). Não se ensina a escala especificamente, mas se ensina através dela. Ou seja, nos diferentes conteúdos e temas que são trabalhados nas aulas de Geografia há uma discussão, mesmo que sem clareza e sem uma explicitação, sobre escalas. O discernimento sobre tal fato exprime o reconhecimento de

que esse processo deve estar permeado por uma dimensão escalar a fim de garantir uma leitura complexa sobre o mundo e o entrelaçamento das escalas na explicação dos fenômenos.

Mas o que pensam os estudantes do Ensino Fundamental II sobre as escalas geográficas? Em linhas gerais, a partir das entrevistas e dos mapas mentais dos estudantes, identifica-se grande diversidade de representações sobre o conceito de escala, contradições entre as representações (comparando a dificuldade de conceitualização, expressa na entrevista, e a afirmação de que não há dificuldade para compreender as escalas), redefinição dos contornos dos grupos a partir do critério representacional e complexidade no processo de objetivação e ancoragem da escala por parte dos estudantes. Sobre esses dois processos, centrais na Teoria das Representações Sociais, eles estão ligados, respectivamente, à transformação de um conceito em uma imagem e à atribuição de sentido (Moscovici, 2015).

Quando os alunos foram questionados, por exemplo, o que entendem por escala geográfica, a maioria dos entrevistados disse não saber dizer nada sobre esse conceito. Alguns expressaram que nem mesmo conheciam esse “termo”, o que demonstra a ausência de uma representação, seja ela ligada à abordagem científica ou ao senso comum, e por conseguinte, uma dificuldade de objetivação. Isso reitera que não é possível haver representação de um objeto quando você o desconhece, quando não há uma significação para o indivíduo ou ainda quando não é um objeto tão apreensível ou visível, tal como a escala.

Esses resultados iniciais até levaram a um questionamento sobre a pertinência da pesquisa, já que há um pressuposto importante nas investigações sobre representações de que o grupo estudado deve ter uma íntima relação com o objeto, o que as entrevistas não evidenciaram acontecer com todos os estudantes participantes. No entanto, mesmo sem isso, foi considerado que a palavra “escala” pode não evocar alguma representação inicialmente, apesar do sujeito, ao longo da entrevista e através dos mapas, expressar representações sobre tal noção. E ainda que é papel da escola e do ensino de Geografia construir representações sobre as escalas, que podem estar ausentes no início do Ensino Fundamental II, mas que vão sendo constituídas e consolidadas ao longo dessa etapa como uma condição e uma ferramenta analítica para ler o mundo por um viés geográfico.

Em outra parte da entrevista, quando foram solicitadas palavras ou imagens as quais os estudantes relacionam com alguma das tipologias de escala há algumas que são mais recorrentes, que poderíamos considerá-las como o núcleo central das representações, por sua composição mais estável e permanente, e outras que se diferenciam do conjunto (os núcleos periféricos) (Sá, 2002). É interessante observar que tendo como base aquilo que os alunos



expressam, é possível estabelecer aproximações e distanciamentos entre as representações. Em alguns casos, alunos de anos diferentes (do 6º e do 9º ano, por exemplo) podem apresentar representações mais próximas do que dois estudantes de uma mesma turma e da mesma idade. Portanto, os contornos dos grupos, a partir do critério representacional, passam a ser redefinidos.

Com relação aos mapas mentais, inicialmente eles foram denominados desenhos. Isso aconteceu porque os estudantes poderiam compreender, considerando as ideias que existem e circulam, que o mapa é uma representação precisa da superfície da Terra, em escala reduzida, e que é elaborado a partir de um conjunto de normas e convenções. E, portanto, não conseguiriam elaborar mapas sobre as quatro tipologias de escala (local, regional, nacional e global), já que não dispunham dos conhecimentos e técnicas para assim fazê-los. Por isso a denominação inicial de desenho, depois modificada para mapa. Importante ressaltar que foi adotada na pesquisa uma perspectiva ampla de mapa como uma produto cultural que traduz, tendo como base a percepção e as imagens mentais, as compreensões de mundo por parte dos sujeitos (Kozel, 2013; Richter, 2017). Sendo assim, o que os estudantes produziram não foram apenas desenhos, mas também mapas mentais, com expressões e interpretações espaciais. E analisando esses produtos, nota-se que certos elementos são utilizados com frequência para representar determinadas escalas e que duas tipologias são mais difíceis de serem objetivadas e materializadas na forma de uma representação imagética, como a regional e a nacional.

Por fim, essas ideias e imagens sobre as escalas geográficas podem ser articuladas com as esferas de pertença das representações sociais (subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva) (Jodelet, 2009), já que, fundamentado nesse referencial teórico e metodológico, compreende-se que as representações, mesmo que sejam de um indivíduo, são sociais, sendo construídas pela relação com o mundo (nas vivências espaciais) e com os outros (por intermédio do diálogo). Dessa forma, há uma articulação entre o nível psicológico e o meio social. No caso da esfera transubjetiva, como já afirmado, informações que circulam através das redes sociais, do currículo e dos livros didáticos contribuem na formulação e difusão de representações sobre as escalas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Primeiramente é preciso reconhecer que a Teoria das Representações, pelo seu caráter interdisciplinar e abrangente, traz contribuições para pesquisas no âmbito da Geografia e, mais especificamente, do ensino de Geografia. Como os processos educacionais e as relações que os



sujeitos estabelecem com o mundo são mediados pelas representações, portanto o estudo sobre elas não pode ser desconsiderado por essa área de conhecimento. Diante do que foi exposto e discutido, é observável como as representações sociais dos estudantes, no que se refere à compreensão das escalas geográficas, sofrem influência das dimensões contextuais e espaciais. Os nomes e os sentidos que eram atribuídos a determinadas escalas possuíam forte ligação com os contextos conceituais das representações. Ou seja, os pensamentos e discursos fazem parte de uma determinada formação socioespacial e sociocultural, o que pode ser comprovado, por exemplo, pela comparação entre os dados demográficos, obtidos através do questionário realizado no início da entrevista, com as representações dos alunos. Há um impacto do acesso a livros, internet, aplicativos de orientação/localização e dos deslocamentos pelo espaço na existência e na complexidade das representações.

Nesse sentido, a partir dos resultados encontrados, é reconhecida a adequação dos instrumentos de pesquisa e dos caminhos de interpretação dos dados, através da análise de conteúdo, em relação aos objetivos iniciais da pesquisa. Tanto a entrevista quanto os mapas mentais permitiram a livre expressão dos estudantes e possibilitaram capturar elementos formadores das representações, que possuem uma dimensão icônica e outra simbólica.

Por fim, a compreensão do mundo através das escalas leva a uma leitura da realidade qualitativamente distinta. Nesse sentido, uma determinada representação de escala implica em uma certa forma de dar sentido à realidade, compreender o mundo em que se vive. Além disso, como as representações têm uma função de orientação, então as concepções que se tem sobre as escalas influenciam também na forma como os sujeitos conduzem as práticas, tanto no nível individual quanto grupal. Em síntese, a escala geográfica é uma noção indispensável para a interpretação da realidade sob uma perspectiva articulada, crítica e múltipla, a qual contribui para desvendar os condicionantes que explicam determinado cenário, fato ou fenômeno. E pesquisar as representações dos estudantes sobre as escalas é um ponto de partida importante para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que tem como objetivo construir e consolidar essa noção/conceito/categoria nos processos de ensinar e aprender geografia.

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.



BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, cap. 8, p.189-243.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2013, 336p.

CASTRO, I. E. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CAVALCANTI, L.S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019, 232p.

FRANCO, M L. P. B. **Análise do conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007, 80p. – (Série Pesquisa; v.6)

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**; tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.17-44.

KOZEL, S. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. **Geograficidade**, v. 3, n. Especial, p. 58-70, set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12874>. Acesso em: 1 jul. 2023.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2 ed., 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2021.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016, cap. 1, p.9-28.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, 404p.

ROQUE ASCENÇÃO, V. O.; VALADÃO, R. C. Professor de Geografia: entre o estudo do fenômeno e a interpretação da espacialidade do fenômeno. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía e Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 18, n. 496 (3), p. 1-14, dez. 2014. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14965>. Acesso em: 12 nov. 2022.

RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 277–300, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.511. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/511>. Acesso em: 25 mar. 2023.



SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, 110p.

SÁ, C.P. **Núcleo central das representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.19-45.

SANTOS, M. F. S. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, I. M. **Diálogos com a teoria da representação social**. Várzea: Editora Universitária da UFPE, 2005, p.13-38.

SOUZA, J. V. R.; OSTI, A. Contribuições da pesquisa em representações sociais para ensinar e aprender Geografia. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, p. e57[2023], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s17228. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/17228>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SOUZA, J.V.R. **Representações sociais das escalas geográficas por estudantes do Ensino Fundamental II**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 166 p. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/251280>. Acesso em: 10 nov. 2023.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**; tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.